

PAUL HARPER

O LEITOR  
DE ALMAS

Tradução

RENATA GUERRA

pa ra ie ia

Copyright © 2011 by Paul Harper

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Pacific Heights

CAPA Alessandra Kalko

FOTO DE CAPA

PREPARAÇÃO Juliane Kaori

REVISÃO Gabriela Morandini e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

. — São Paulo : Paralela, 2012.

Título original:

ISBN 978-85-

1. ) I. Título.

12-

CDD-

Índice para catálogo sistemático:

1.

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparalela.com.br](http://www.editoraparalela.com.br)

[atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br](mailto:atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br)

# 1

SAN FRANCISCO

Jantaram tarde no Crete.

O chinês andrógino usava um smoking sem gravata, um bigodinho aparado e tinha cabelos curtos muito pretos. O outro homem era bonitão, tinha cabelos cor de mel bem cortados, olhos azul-acinzentado e queixo proeminente. Usava uma jaqueta cor de chocolate, calça italiana de seda marrom e apresentava uma serena autoconfiança.

Sentados numa mesa de canto, próximos ao bar de mármore branco, dividiam um badejo caramelizado e bebiam mojitos de coco. O lugar estava lotado de personagens estilosos, flutuando na luz pink que se refletia nos espelhos cor-de-rosa e nos janelões de vidro temperado. O pessoal era cosmopolita, descolado, *très chic*.

O chinês, animado e tagarela, era o que mais falava. O outro estava recostado, descontraído mas atento a seu companheiro, como se achasse graça em sua performance à luz de velas.

Saíram quando o Crete já estava fechando.

O hotel deles no Castro era uma espelunca situada numa rua lateral. A janela do quarto dava para o Le Mesonge, uma boate cujo fundo musical de bate-estaca se ouvia por toda a rua.

Trancaram a porta, e enquanto o branco ia até a janela e olhava para fora, o chinês puxou a colcha da cama, depois o lençol de cima, e jogou tudo para um lado. Quando se virou, o branco estava bem diante dele, trinta centímetros mais alto. O chinês ficou imóvel, e o outro começou a tirar-lhe a roupa.

O que aconteceu em seguida foi uma coreografia, embora eles não houvessem ensaiado os detalhes. As linhas gerais tinham sido ditadas previamente pelo branco, e o chinês, surpreso e intrigado com o que estava ouvindo, tinha concordado em ir adiante. O roteiro proposto era apenas mais um exemplo da incrível percepção que o branco tinha dos desejos secretos do chinês. Até onde ele poderia chegar naquela intuição de fantasias que o chinês achava tão excitantes?

Longe demais.

Atirou o smoking para um lado, e ambos se sentaram ao pé da cama. O branco puxou delicadamente um dos lados do bigode da chinesa nua, só um dos lados. Ela ficou lá, deliberadamente desprotegida, com o ventre trêmulo.

O sexo foi extravagante, à beira do bizarro. Intenso e sublime, tudo o que ela imaginara que poderia ser.

Ele dormiu logo em seguida, como se ela tivesse posto drogas em sua última bebida. Foi então que, acordada na cama, descoberta, nua e estirada como um cadáver, ela começou a ter medo.

Reproduziu mentalmente a sarabanda que eles tinham dançado, movimento por movimento. Foi tudo como ela imaginara, e era isso que a apavorava.

O que ele acabara de fazer ia muito além da intuição. Era desconcertante, e fez com que ela tivesse a impressão de que seu cérebro não era mais a única fonte de sua imaginação. As fantasias sexuais dela eram isso mesmo: as fantasias sexuais *dela*, mas esse homem acabava de recriar um desses roteiros, com uma exatidão que só poderia ser chamada de macabra.

O roteiro, criado em sua própria mente, não tinha nada de assustador. Mas o fato de o mesmo roteiro ter saído também da imaginação de outra pessoa a horrorizava. Os arrepios que ela sentia nada tinham a ver com as noites no Castro; tinham a ver com aquele ser que estava ao lado dela.

Quando o caso começou, ela já sabia que se tratava de um clichê. Mesmo assim, topou a parada. A aventura sexual, que rondava as margens imprecisas do decoro, a relação especial que surgia, o cheiro penetrante do perigo, tudo isso tinha representado um ansiado atropelo na longa história de sua vida emocional desconjuntada. Mas ultimamente essa estranha cumplicidade entre eles se tornava cada vez mais inquietante, quase sobrenatural. Isso a assustava profundamente.

Esta noite tinha sido demais. Ela já não queria continuar. Já não lhe importava o quanto ele fosse bonito ou que o sexo fosse uma loucura. Ali deitada, com alguns de seus pensamentos na cabeça de outra pessoa, ela decidiu que já era o suficiente. Ia terminar o caso.

Mas como seria isso, exatamente? Quando ele telefonasse, ela simplesmente não iria responder. Será que poderia ser tão fácil? O caso poderia acabar só porque ela queria que acabasse? Os casos são assim, supunha. Ambos usavam nomes falsos. Foi a primeira coisa que combinaram. Robert e Mei.

Ela realmente acreditava que ele não sabia nada a respeito dela? Ela seguiria as regras do jogo, mas e ele? Os dois sempre se encontravam num lugar e numa hora que combinavam de antemão. Ideia dele. Ela nunca via o carro

dele, não sabia onde morava (uma vez ele mencionara o condado de Marin), tinha uma vaga noção do que ele fazia como profissão (falara em negócios imobiliários). Esse acordo nasceu desde que o relacionamento se insinuou, e acabou virando regra. E assim tinha sido.

Mas ela não podia dar o fora sem saber quem era ele. Se ele sabia tão bem o que havia dentro da cabeça dela, porque ela não poderia saber ao menos sua identidade real?

Sentou-se. As roupas deles estavam empilhadas ao pé da cama, como se fossem ruínas palpáveis do distúrbio psíquico que ela sentira poucos momentos antes. Levantou-se, começou a andar e a catar as roupas, separando-as à luz tênue que vinha da janela.

Ergueu a jaqueta dele e no bolso dianteiro encontrou a carteira. Assim que tocou-a com os dedos, parou e pôs-se a ouvir. A respiração dele não tinha mudado. Tirou a carteira do bolso, abriu-a e olhou a licença de motorista que estava num compartimento de plástico transparente. Muito escuro. Virou-se para a janela.

Philip R. Krey. Rua Leech, 2387, Mill Valley. Ela examinou o retrato, repetindo o nome e o endereço diversas vezes enquanto continuava explorando a carteira. Tirou o dinheiro, folheou as notas, devolveu-as em seu lugar. Verificou os cartões de crédito, todos em nome de P. R. Krey. Havia um papelzinho com números de telefone. Ela nunca ia conseguir memorizá-los.

Fechou a carteira e meteu-a de volta no bolso da jaqueta.

“Você está indo embora?”

Ela estremeceu e se levantou depressa para dissimular o sobressalto, segurando suas roupas.

“Tenho que ir”, disse, lançando as roupas ao pé da cama. Agradecida pela pouca luz, ela desembaraçou nervosamente a calcinha, que estava enrolada.

“Quer que eu te ligue essa semana?”

“Eu ligo pra você”, disse ela, no meio da escuridão. “Meu marido marcou alguns jantares de negócios essa semana. Vou ter compromissos, mas ainda não sei os detalhes. Nem as datas.”

Ela pôs a calcinha. De trás para frente? Do avesso? Ela não deu a mínima. Não usava sutiã. Ergueu a camisa branca e vestiu-a.

Ele estava em silêncio. Estaria cochilando?

“Qual é o problema?”, ele perguntou.

“Problema?”

“Você parece... tensa.”

“Que tal... acabada?”

“Talvez”, disse ele, olhando para as janelas. “Que silêncio! Não ouço música.”

“Pelo amor de Deus, são três e quarenta da manhã”, disse ela, abotoando o último botão da camisa. Agarrou a calça do smoking, vestiu-a, abotoou o cós.

“Está com pressa?”, ele perguntou.

“É que preciso ir embora”, disse ela, curvando-se para procurar os sapatos.

“Você gostou de hoje?”

Por que diabos ele estaria jogando verde? “Claro. Por que não teria gostado?”

“Surpreendida?”

“Sim, com certeza.”

“O que te surpreendeu?”

“Tudo. Acho que você não esqueceu de nada, Robert. Estou exausta.”

Ela encontrou os sapatos e calçou-os. Não queria falar daquilo com ele. Só queria ficar longe dele, só isso. Penteando o cabelo curto com os dedos, começou a procurar a bolsa de seda preta.

“O que você está procurando?”

“Minha bolsa.”

Outra vez ao pé da cama, ela fez uma careta e meteu a mão entre o carpete imundo e as roupas dele. Ali estava a bolsa.

“Achei”, disse ela. Teve de passar por ele para alcançar a porta, e ficou petrificada quando ele estendeu o braço e tocou-a, esperando que ela tivesse alguma reação.

Estava apoiado num cotovelo, olhando para ela.

“Tudo bem”, ele disse.

“Eu te ligo”, disse ela, e saiu para o corredor malcheiroso, fechando a porta atrás de si.

Ele saiu da cama e foi até a janela. Um minuto depois, ela despontou na entrada do hotel e desapareceu na rua, andando apressada.

Voltando para a cama, ele se curvou, apanhou a jaqueta e tirou dela a carteira. Jogou a jaqueta na cama e foi de novo até a janela.

Abriu a carteira. Tudo parecia bem. A licença de motorista estava torta? Não. Um momento. Ele tirou o dinheiro de seu compartimento, devagar: as notas estavam de cabeça para baixo.

Dane-se, mais cedo ou mais tarde ia acontecer. No mínimo ela investigaria o endereço na internet. Ele ia esperar para ver.

Mas agora havia um fato novo. Tinha esperado que ela ficasse perturbada pelo que acabava de acontecer, mas não imaginara que a ansiedade exacerbada dela tomasse esse caminho. Pensou que isso poderia aumentar a vertigem

do sexo, mas se ele estava certo sobre o que ela fizera com sua carteira, em vez de vertigem ele provocara suspeita. Por que, de uma hora para outra, ela quis saber quem era ele?

No que dizia respeito a ele, essa mulher só existia dentro dos parâmetros de uma órbita minúscula que tinha criado para ela. Não podia deixá-la extrapolar esses limites secretos. Não podia bancar tanta instabilidade. Especialmente agora. Havia muita coisa em jogo.

**NOITE DE SEGUNDA-FEIRA**

## 2

Marten Fane olhava a entrada do Stafford de dentro de seu carro estacionado do outro lado da rua. Era um hotelzinho charmoso entre Russian Hill e Pacific Heights. Construído na década de 1930, o prédio *art déco* tinha sido comprado por empreendedores de bom gosto que o restauraram e não pouparam despesas para restabelecer sua decoração retrô. Tornara-se um ambiente conhecido das pessoas da região.

A entrada do hotel ficava bastante recuada em relação à rua, depois de um jardim com cercas vivas de buxinho e velhos limoeiros. Um longo toldo verde-escuro ia até a porta frontal de vidro grosso.

Vera List já estava no quarto havia quinze minutos, e Fane não detectara nenhum sinal de que alguém estivesse à espreita. Ele usava sempre o Stafford para encontros como esse porque a localização facilitava a observação. Além disso, gostava dos quartos.

Assim que saiu do carro, olhou através da garoa para o quarto andar, na metade do prédio. A luz do quarto estava acesa. Atravessou a rua.

No saguão, tirou a capa de chuva e observou a recepção. Havia algumas pessoas, nada que lhe chamasse a atenção. À sua esquerda, a penumbra do Metro Bar estava convidativa, como sempre. Encaminhou-se para os elevadores.

Desceu no quarto andar e foi até o quatrocentos e doze. Bateu e esperou que ela o observasse pelo olho mágico. O trinco girou e ela abriu a porta, recuando, hesitante.

“Sou Marten Fane”, disse ele.

“Olá. Eu sou Vera.”

Ela tinha quarenta e quatro anos, era esguia, usava os cabelos castanhos espessos à altura dos ombros, num corte informal que lhe emoldurava o rosto oval. Os olhos indicavam inteligência e muita curiosidade.

“Obrigada por ter aceitado me ver”, disse ela, quando Fane entrou no quarto. Ela pronunciou essas palavras de modo positivo, mas sem afetação. Estava ansiosa mas resoluta, numa demonstração de vontade que fez com que ele se sentisse bem em relação a ela. Ela estava decidida a resolver a questão, acontecesse o que acontecesse.

“Claro. Shen é um velho amigo”, disse ele, pendurando a capa de chuva no cabide atrás da porta. “Foi bom ter notícias dele.”

Acompanhou-a até uma sala de estar próxima às duas janelas que davam para a rua. Esperou que ela se sentasse e ocupou a cadeira em frente, do lado oposto a uma mesinha elíptica com tampo de vidro e três pés *art déco* na forma de anjos nus.

Vera sentou-se ereta na beirada da poltrona, as pernas devidamente juntas e inclinadas, tornozelos cruzados. Usava um vestido justo de malha cinza-pérola com mangas três quartos que acentuavam sua figura alongada e seus dedos delicados.

“O senhor Moretti disse que ele e o senhor trabalharam juntos no departamento de polícia”, disse ela.

“Certo, na seção de inteligência”, disse Fane. “Eu era detetive de homicídios, então conheci Shen e ele me convenceu a mudar para a inteligência. Servi com ele cerca de doze anos, até que ele se aposentou.”

“Ele falou muito bem do senhor”, disse ela. Embora pouco à vontade, ela tinha bastante êxito em refrear a linguagem corporal.

“Eu o conheci por intermédio da irmã dele”, disse ela. “Éramos vizinhas. Quando decidi que precisava... fazer alguma coisa, ele foi a única pessoa em quem consegui pensar. Mas quando expliquei a ele que tinha um problema que envolvia duas de minhas pacientes — que havia questões confidenciais, e que eu não queria a polícia metida nisso, nem detetives particulares — ele me interrompeu. Disse que não queria ouvir mais nada e me deu seu nome.”

“Sim”, disse Fane, cruzando uma das longas pernas sobre a outra.

Houve um momento de embaraço.

“Ele disse que o senhor... era conhecido... entre as pessoas que podiam precisar do senhor... como o homem a quem procurar quando se tem um problema e não se vê saída. Ele disse também”, ela continuou, “que eu poderia confiar no senhor. Que poderia confiar cegamente no senhor.”

Sua última observação era um surpreendente ato de pensamento mágico. Ela precisava disso, de que fosse verdade, então olhou para ele e disse aquelas palavras como se fizesse o sinal da cruz.

Fane esperou.

“O senhor entende”, ela prosseguiu, “que o simples fato de discutir a questão com o senhor me deixa perto demais da violação do acordo de confidencialidade que tenho com meus pacientes. Eles precisam ter certeza de que podem me contar qualquer coisa e que isso não será passado adiante. A confiança absoluta é essencial para a psicanálise.”

“Entendo”, disse Fane.

“Eu preciso ter a mesma confiança no senhor. Confio na recomendação do senhor Moretti, mas eu não disse a ele as coisas que vou lhe dizer. Não é com ele que eu vou saltar no abismo.”

A escolha de metáforas que ela fazia era bem interessante. “Desesperada” não era uma hipérbole para a situação de Vera List.

“Veja”, disse ela, “eu não sei nem o que o senhor faz. O senhor Moretti disse que eu deveria falar com o senhor, mas não explicou por quê. Ou seja, ficou implícito que o senhor poderia me ajudar. Mas, francamente, ele foi enigmático quanto a isso.”

Ela se calou. Depois disse: “Entenda, não estou querendo fazer nada ilegal. Pode... pode ter certeza disso”. Inclinou a cabeça e ergueu as sobrancelhas, à espera de uma resposta.

Ele assentiu. Ela relaxou um pouco.

“Mas, bem, o senhor Moretti não me disse muita coisa, como já expliquei. Preciso saber mais antes de poder fazer isso.”

“Muito justo”, disse Fane. Ela tinha razão. As pessoas haviam procurado por ele nos últimos anos já estavam familiarizadas com o seu mundo. Tinham vivido no limite de si mesmos, naquela região instável em que uma penumbra de incerteza envolve tudo.

Mas Vera List, apesar de sua profissão, era uma pessoa do mundo real, onde geralmente a ambiguidade é malvista e é principalmente um assunto de discussões teóricas. Pelo menos até agora esse era o caso.

“Há quatro anos”, disse Fane, “eu me vi envolvido numa polêmica na seção de inteligência. Estava lá fazia uns doze anos. Naquela época, a inteligência estava na divisão de investigações especiais. A divisão de inteligência de um departamento de polícia é onde ficam guardados todos os segredos. É um lugar de intrigas. Os anos passam, mas os segredos nunca. Não têm prazo de validade.

“No fim, fui obrigado a deixar a polícia. Poucos meses depois recebi uma ligação de um advogado famoso que me pediu que fosse ver um de seus clientes. O homem tinha um problema: precisava fazer uma escolha entre duas opções de consequências igualmente ruins. Ajudei-o a encontrar outro jeito.

“Tinha sido um favor. Não pensei muito a respeito. Então, quatro meses depois, recebi outro telefonema. O primeiro homem que eu tinha ajudado me recomendara a outra pessoa. Foi o começo de uma profissão acidental. Não há uma categoria na qual enquadrar o que faço. Não tenho currículo. Não dou referências.”

Vera List olhava firme para ele, extraíndo significado de cada sílaba. Mesmo as pausas entre as palavras diziam-lhe alguma coisa.

“Encontrar uma solução para o seu problema não é uma questão de se,

mas de como”, disse ele. “Quanto a confiar em mim, posso lhe dizer que, no ramo da inteligência, o padrão ouro é a garantia dada por alguém que você já conhece. E às vezes isso é tudo o que você sabe quando tem que tomar a decisão de saltar.

“Se quer falar com Moretti mais uma vez antes de ir adiante, está perfeitamente bem para mim. E se eu não a vir mais, estará bem também.”

Vera List levantou o queixo, assentiu, inspirou profundamente.

Ele imaginou que o coração dela estivesse à beira da fibrilação.

“Desculpe-me”, disse ela. “Não estou tão calma como gostaria.”

Fane compreendeu. Normalmente, ela era a pessoa à espera de ouvir o caso desconcertante. Devia ser perturbador ter os papéis invertidos.

“A situação”, ela começou, “é... inquietante. Minhas duas pacientes são mulheres. Têm personalidades muito diferentes. A formação delas é muito diferente, têm preocupações diferentes, problemas diferentes. Elas não se conhecem. Nunca se viram. Meus clientes chegam e saem por portas diferentes, de modo que nunca se cruzam.

“Atendo Elise há cerca de dois anos. Lore há cerca de seis meses. As duas são casadas.” Fez uma pausa. “E as duas estão tendo casos.

“Elise está envolvida em seu caso há uns cinco meses. Não sei como se chama o homem, mas desde que o caso começou, tornou-se o tema central de nossas conversas.

“Desde o início o relacionamento foi intenso. O homem seduziu-a em todos os sentidos. Ela me diz que ele praticamente consegue ler seus pensamentos, que conhece suas ideias mais íntimas, intui suas ansiedades, seus desejos, seus medos. Toda essa sensibilidade é naturalmente muito sedutora. Ela está enfeitiçada por ele.”

As mãos de Vera repousavam no colo, as pontas dos dedos delicadamente entrelaçadas. Não usava aliança, o que surpreendeu Fane. Sua postura era sóbria mas natural, à vontade.

“Numa ocasião”, ela prosseguiu, “senti que Elise via nisso tudo algo de... assustador. Mas não assustador de forma que a levasse a querer romper. Isso é típico dela. Ela é bela e carente. Tem tendência a ser autodestrutiva, mas ao mesmo tempo é uma sobrevivente.

“A outra mulher, Lore, começou seu caso pouco tempo depois de iniciarmos as nossas sessões. Também não sei o nome do homem. Quando ela mencionou o assunto pela primeira vez, a coisa me pareceu casual. Ao contrário de Elise, não era algo de que ela quisesse falar.

“Mas depois de alguns meses começou a surgir uma estranha semelhança. Lore passou a falar do amante, e quando fazia isso, era como se contasse a história de Elise. Ele era incrivelmente perceptivo. Praticamente conseguia

ler seus pensamentos. Conhecia-a como a palma da mão, sabia o que ela queria, o que temia, até mesmo o que fantasiava.”

Vera parou de falar, engoliu em seco uma, duas vezes.

Fane levantou-se e pegou um copo d’água, que levou para ela.

“Obrigada”, disse ela, e imediatamente tomou um gole.

“No início fiquei fascinada com as semelhanças entre os dois casos”, continuou, “mas esperava que no fim a situação de Lore derivasse para uma história própria. Mas isso não aconteceu. Na verdade, as semelhanças se tornaram cada vez mais acentuadas. Havia detalhes de seu comportamento sexual que eram idênticos aos que Elise me contava. Eu estava perplexa.”

Outro gole.

“Não pude deixar de achar que Elise e Lore estavam saindo com o mesmo homem”, disse. “Quero dizer, não é impossível que duas mulheres desconhecidas entre si tenham um caso com o mesmo homem. Mas o fato de que as duas tivessem a mesma psicanalista ultrapassa minha tolerância para a coincidência. Fiquei aterrorizada.”

“Está absolutamente segura de que elas não se conhecem?”, perguntou Fane.

“Absolutamente segura? Não.”

“Suspeita que possam se conhecer?”

“Não, na verdade não. Estive pensando compulsivamente no caso para descobrir como isso poderia estar acontecendo. Será que esse homem está entrando em meus arquivos? Não posso admitir outra explicação.”

“Decidi fazer algo que, analisando retrospectivamente, foi uma loucura. Plantei informações falsas em minhas anotações das duas sessões seguintes que tive com Elise e Lore, o tipo de coisa que ele não poderia deixar de mencionar para elas se realmente estivesse lendo meus arquivos. É claro que eu não tinha nenhuma certeza de que elas trariam a mim as coisas que ele pudesse dizer a respeito.”

Fez uma pausa enfática.

“Em poucas semanas, as duas mulheres me falaram de uma estranha conversa que tiveram com o amante. Ele tinha tentado falar de algo que a elas pareceu completamente fora de propósito. Elas acharam esquisito.”

“A informação que a senhora plantou.”

“Sim.”

“Não há engano possível?”

“Não. Esse homem está entrando em meus arquivos e usando minhas anotações para invadir a mente delas.”